

Atualizado às: 23 de junho, 2004 - 10h55 GMT (07h55 Brasília)

[Primeira Página](#)[Economia](#)[Ciência & Saúde](#)[Cultura &](#)[Entretenimento](#)[Especial](#)[Fórum](#)[Tempo](#)[Aprenda inglês](#)

RÁDIO

[Programação](#)[Como Sintonizar](#)

SERVIÇOS

[Newsletter](#)[Ajuda](#)[Sobre a BBC](#)[Expediente](#)[Parceiros](#)[Empregos](#)[Fale com a gente](#)

SERVIÇO MUNDIAL

[ESPAÑOL](#)[PORTUGUÊS - ÁFRICA](#)[عربي](#)[中文](#)[РУССКИЙ](#)[ENGLISH](#)[OUTRAS LÍNGUAS](#)[Envie por e-mail](#)[Versão para impressão](#)

Brasil é 39º em novo ranking de segurança econômica da OIT

Carolina Glycerio

enviada especial a Oxford

O Brasil aparece na 39ª posição em um ranking ainda inédito da OIT (Organização Internacional do Trabalho) que mede a "segurança econômica" em 90 países.

A lista, adiantada pelo economista Guy Standing, deverá ser divulgada em um relatório no início de julho. O índice de segurança econômica é um conceito desenvolvido pela OIT com base em sete critérios.

Entres esses critérios estão a segurança do mercado de trabalho (nível adequado de oferta de emprego), a segurança no emprego (proteção, por exemplo, contra demissão arbitrária), a qualidade das condições de trabalho (o que inclui a segurança física do trabalhador), treinamento profissional da população (nível de acesso a treinamento) e renda adequada.

O estudo define quatro categorias de segurança econômica para os países analisados: "modelo", "pragmático", "convencional" e "muito a melhorar". Na média, o Brasil é classificado como "convencional", mas em alguns itens, como treinamento profissional, está na pior categoria.

Segundo o site da OIT, o índice tem como objetivo ajudar os países a orientar suas políticas de inclusão e proteção social e foi desenvolvido por causa de um "crescente sentimento de insegurança social e econômica" no mundo, em parte gerado pela flexibilização dos mercados de trabalho e pela globalização.

Standing, que é diretor do programa sobre segurança sócio-econômica da OIT, adiantou algumas das conclusões do relatório durante um seminário sobre a exclusão social no Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha.

Canadá x África

O Canadá é considerado um país "modelo", enquanto vários dos países classificados como "muito a melhorar" estão na África e no Sudeste Asiático.

Standing também se mostrou contra o que chamou de "tendência global" de criar programas sociais voltados para grupos sociais específicos.

Ele considera melhor a concessão de benefícios universais, ou seja, para toda a população.

Segundo o economista, "a dicotomia entre pobres que merecem (ajuda) e os que não merecem" está voltando à cena.

"O eufemismo de escolher grupos específicos significa impor mais e mais condições e ter o Estado agindo de forma paternalista", afirmou Standing à BBC Brasil.

Debates

A apresentação do economista da OIT encerrou uma série de debates sobre qual seria o melhor modelo de política social para o Brasil.

Palestrantes como Ricardo Paes de Barros, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas),



Índice mede a 'segurança econômica' da população

LINKS EXTERNOS

[Organização Internacional do Trabalho \(site oficial, em inglês\)](#)

A BBC não se responsabiliza pelo conteúdo dos links externos indicados.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Iraque deve rejeitar tropas da Jordânia, diz ministro](#)[Ator Marlon Brando morre nos EUA aos 84 anos](#)[Em junho, EUA criam metade dos empregos previstos](#)[Argentina suspende embargo à carne brasileira](#)

sustentaram que as políticas sociais não funcionam no Brasil justamente porque "carecem de foco" e os recursos acabam sendo aplicados de forma ineficiente.

De acordo com esse argumento, ao não estabelecer critérios claros para o recebimento de benefícios, ou seja, ao não escolher grupos específicos, os programas se tornam muito abrangentes, muito caros e suscetíveis a fraudes.

O senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que também participou do seminário, combateu a idéia de estabelecer programas que atendam apenas às camadas sociais mais vulneráveis.

Para Suplicy, experiências nos Estados Unidos e na Grã-Bratânia mostram que o melhor caminho para o combate a pobreza é garantir benefícios mais gerais a todas camadas pobres da população.

Houve consenso em torno da necessidade de reduzir a desigualdade social no Brasil para diminuir a pobreza. O economista Ricardo Paes de Barros, por exemplo, apresentou uma projeção sobre o tempo necessário para cortar a pobreza no país pela metade.

Segundo o pesquisador do Ipea, se a diferença entre os mais ricos e os mais pobres for reduzida em 3%, a meta poderá ser alcançada em sete anos, metade do tempo que seria preciso para atingir o objetivo sem combater a desigualdade. Indagado sobre como faria isso, Paes de Barros propôs aumentar em 3% a carga tributária dos mais ricos.

Outra idéia heterodoxa que surgiu no evento da Universidade de Oxford partiu do economista da FGV Marcelo Neri, para quem deveriam ser criadas metas sociais a serem perseguidas com os mesmos esforços dedicados ao cumprimento de metas econômicas.

 [Envie por e-mail](#)

 [Versão para impressão](#)

[Tempo](#) | [Sobre a BBC](#) | [Expediente](#) | [Newsletter](#)

 **MMIV**

[^^ Início da página](#)

[Primeira Página](#) | [Economia](#) | [Ciência & Saúde](#) | [Cultura & Entretenimento](#) | [Especial](#) | [Fórum](#) | [Aprenda inglês](#)

[BBC News >>](#) | [BBC Sport >>](#) | [BBC Weather >>](#) | [Learning English >>](#)

[BBC Monitoring >>](#) | [BBC World Service Trust >>](#)

[Ajuda](#) | [Fale com a gente](#) | [Notícias em 43 línguas](#) | [Privacidade](#)